

“Uma combinação perspicaz de mistério clássico, sátira
e comédia.” – JACQUELINE WINSPEAR

Rhys Bowen

Autora com mais de 6 milhões de livros vendidos



A CAÇADA REAL

Mais um mistério da Espiã da Realeza

A CAÇADA REAL

Nota da autora



EMBORA PESSOAS REAIS PASSEIEM POR ESTAS PÁGINAS, *A caçada real* é uma obra de ficção. Balmoral é retratado com precisão, mas, caso você tente encontrar o Castelo de Rannoch no mapa, saiba que ele só existe na minha imaginação. E devo dizer que tomei algumas liberdades em relação à estrada que vai de Balmoral ao Castelo de Rannoch. Não há de fato uma rota direta operante, mas eu criei uma através das montanhas para atender às necessidades da história.

Um



Rannoch House
Belgrave Square, Londres
12 de agosto de 1932

ACREDITO QUE NÃO EXISTA NA TERRA NENHUM lugar mais desagradável do que Londres durante uma onda de calor. Devo fazer uma ressalva e confessar que nunca subi o rio Congo até o Coração das Trevas com Joseph Conrad nem atravessei o Saara de camelo. No entanto, as pessoas que se aventuram por essas paragens contam no mínimo com o desconforto. É tão raro o clima de Londres ficar apenas um pouquinho quente que sempre somos surpreendidos. O metrô se transforma em uma boa imitação do infame Buraco Negro de Calcutá, e o cheiro de axilas suadas, a centímetros do rosto das pessoas, é devastador.

Você pode estar se perguntando se os membros da família real costumam andar de metrô. A resposta é: claro que não. Meus parentes austeros, o rei Jorge V e a rainha Maria, só deviam ter uma vaga ideia do que era o metrô. Mas sou apenas a trigésima quarta na linha de sucessão ao trono e, provavelmente, a única da minha família que no momento estava sem um tostão e tentando sobreviver em Londres sem criados. Creio que deva me apresentar antes de continuar. Meu nome completo é lady Victoria Georgiana Charlotte Eugenie de Glen Garry e Rannoch. Minha avó, a julgar pelas fotografias antigas que vi, era a menos bonita das muitas filhas da rainha Vitória. Mas essas fotos antigas sempre fazem as pessoas

parecerem meio ranzinzas, não é? De qualquer maneira, sem propostas de kaisers ou de reis, ela foi arranjada com um duque escocês e viveu no Castelo de Rannoch, no canto mais remoto da Escócia, até morrer de ar fresco e tédio.

Meu irmão, Binky, é o atual duque. Ele também está praticamente sem um tostão, porque nosso pai perdeu a última parte da fortuna da família na quebra da bolsa de 1929, antes de ir para o brejo cometer suicídio com um tiro e deixar para Binky pesados impostos sobre a herança. Pelo menos Binky tem a propriedade com a casa de fazenda e a caça, as aves e a pesca, então não está exatamente morrendo de fome. Eu tenho vivido à base de feijão enlatado, torradas e chá. Fui criada sem nenhuma habilidade além de um francês razoável, andar equilibrando um livro na cabeça e saber onde alocar um bispo à mesa de jantar. Nenhum possível empregador se interessaria por isso, mesmo que fosse adequado para alguém da minha posição conseguir um emprego comum. Eu tentei uma vez – o balcão de cosméticos da Harrods. Durei impressionantes quatro horas.

Para piorar, a Inglaterra está passando por uma depressão terrível. Basta ver em qualquer esquina aqueles homens miseráveis com placas que dizem ACEITO QUALQUER TRABALHO para saber que as coisas estão péssimas para a maioria da população. Mas não para as pessoas da minha classe social. Para a maior parte delas, a vida continua igual, com iates no Mediterrâneo e festas extravagantes. Elas nem devem imaginar que o país está mal das pernas.

Então agora você sabe por que não há um Bentley com motorista estacionado em frente à Rannoch House, a casa da nossa família na Belgrave Square, em Londres, e por que não tenho dinheiro nem para andar de táxi. Mesmo assim, eu costumo evitar o metrô. Para uma garota criada no campo, entrar naquele buraco sempre foi motivo de pavor – e mais ainda desde que quase fui empurrada nos trilhos por um homem que estava tentando me matar.

Mas, no momento, eu não tinha escolha. O centro de Londres estava tão insuportável e sufocante que decidi visitar meu avô, que mora em Essex, nos arredores da cidade, e a District Line era a melhor maneira de se chegar lá. Ah, e acho melhor esclarecer que não estou falando do meu avô que era duque escocês, cujo fantasma é famoso por tocar gaita de foles nas mura-

lhas da nossa casa ancestral, o Castelo de Rannoch, em Perthshire, Escócia. Estou falando do meu avô por parte de mãe, que não é da realeza, e sim um ex-policia! que mora em uma modesta casa geminada com anões de jardim.

Por falar na minha mãe, ela era atriz e também conhecida por não se manter em casamento nenhum. Ela largou meu pai quando eu tinha apenas 2 anos para se envolver com um jogador de polo argentino, depois com um piloto de rali de Monte Carlo e agora estava com um milionário texano do petróleo. Suas façanhas românticas tiveram lugar no mundo inteiro, ao passo que a filha nem sequer se aventurava nesse sentido.

Depois que ela fugiu, fui criada no Castelo de Rannoch e bem longe do lado materno da família, como você pode imaginar. Por isso acabei conhecendo meu avô só há pouco tempo, e realmente o adoro. Ele é a única pessoa no mundo com quem posso ser eu mesma. Pela primeira vez sinto que tenho uma família de verdade!

Para minha grande decepção, meu avô não estava em casa. Nem a viúva da casa ao lado, com quem ele passou a ter uma amizade bastante próxima. Se vovô tivesse telefone, eu podia ter me poupado da viagem. Mas esse novo meio de comunicação ainda não havia chegado aos confins de Essex. Eu estava ali no jardim, sob o olhar de desaprovacão dos anões, sem saber o que fazer, quando um homem idoso passou com um cachorro idoso na coleira. Ele me olhou e balançou a cabeça.

– Ele não está mais aí, moça.

– E ele foi para onde? – perguntei, preocupada, enquanto imagens de hospitais ou coisa pior passaram pela minha cabeça. A saúde do vovô não estava muito boa nos últimos tempos.

– Para Clacton.

Eu não tinha a menor ideia do que era Clacton nem de como se chegava lá.

– Para Clacton? – repeti, esperançosa.

Ele assentiu.

– É. Excursão do clube dos trabalhadores. A vizinha foi com ele.

O homem me deu uma piscadela cúmplice. Soltei um suspiro de alívio. Uma excursão. Provavelmente para a praia. Então pelo visto até meu avô estava conseguindo escapar do calor. Eu não tinha escolha a não ser pegar o trem de volta para a cidade. Todos os meus amigos haviam deixado Londres e ido para suas propriedades no campo, para iates ou para o continente, e

ali estava eu, morta de calor e cada vez mais abatida em um vagão cheio de corpos suados.

O que eu estou fazendo aqui?, perguntei a mim mesma. Eu não tinha nenhuma habilidade, nenhuma esperança de conseguir um emprego e nenhuma ideia do que fazer em seguida. Ninguém com bom senso e dinheiro ficava em Londres no mês de agosto. Quanto a Darcy, o indomável filho de um nobre irlandês que eu considerava meu namorado... bem, ele não me dava notícias desde o desaparecimento e suposto retorno para casa, na Irlanda, para se recuperar do tiro que levou. Isso pode ser verdade, mas também pode não ser. Com Darcy, nunca se sabe.

É claro que eu posso voltar para a Escócia, pensei enquanto o ar no metrô ia ficando mais sufocante. A lembrança do vento frio varrendo o lago e das correntes de ar igualmente frias varrendo os corredores do Castelo de Rannoch era muito tentadora enquanto eu subia a escada rolante da estação St. James, enxugando sem sucesso as gotas de suor que escorriam pelo meu rosto. E, sim, eu sei que damas não suam, mas algo semelhante a uma cachoeira escorria pelo meu rosto.

Eu estava prestes a correr para casa, na Belgrave Square, fazer a mala e pegar o próximo trem para Edimburgo quando lembrei por que tinha ido embora do castelo. A resposta era Fig, minha cunhada, a atual duquesa – uma mulher mesquinha, crítica e horrível em todos os aspectos. Fig deixou bem claro que eu era um fardo, que não era mais desejada no Castelo de Rannoch e que ela me alimentava com desgosto. Então, quando comparei o calor e a solidão em Londres a Fig, o calor venceu.

Só mais duas semanas, disse a mim mesma enquanto caminhava pelo Hyde Park até minha casa. Eu havia sido convidada para ir à Escócia dali a duas semanas, não para minha casa ancestral, mas para Balmoral. O rei e a rainha já tinham ido para o castelo escocês deles, a poucos quilômetros do nosso, a tempo do Glorioso Décimo Segundo, o dia de agosto em que oficialmente começa a temporada de caça a perdizes. Eles iam ficar lá por um mês, atirando e perseguindo qualquer coisa com pele ou penas, e esperavam que os diversos parentes se hospedassem junto deles durante pelo menos uma parte do período. A maioria das pessoas tentava evitar, pois achava difícil suportar o som da gaita de foles ao amanhecer, o vento que descia sibilando pela chaminé, as danças tradicionais das Terras Altas

e o papel de parede xadrez. Eu estava habituada a tudo isso. Era igualzinho ao Castelo de Rannoch.

Animada com a bela perspectiva de ar fresco das Terras Altas em um futuro não muito distante, abri caminho entre as pessoas deitadas no Green Park. Parecia o dia seguinte a uma batalha terrível – com cadáveres seminus espalhados por toda parte. Contudo, eram apenas os funcionários dos escritórios de Londres aproveitando o clima ao máximo e tomando sol sem camisa. Era uma visão assustadora – os corpos listrados de branco e vermelho, dependendo de quais partes tinham sido expostas ao sol. Eu estava no meio do parque quando as pessoas começaram a se mexer. Percebi que o sol tinha desaparecido e, bem na hora em que olhei para cima, soou um estrondo sinistro de trovão.

O céu escureceu rapidamente quando as nuvens de tempestade se juntaram. Aqueles que antes estavam pegando sol vestiram a camisa às pressas e procuraram abrigo. Eu também comecei a me apressar, mas não fui rápida o suficiente. Sem nenhum aviso, as torneiras celestes se abriram e a chuva caiu de uma vez. As garotas corriam gritando para se proteger embaixo das árvores, o que não era muito inteligente, dada a aproximação das trovoadas. O granizo ricocheteava nas trilhas. Não fazia sentido eu procurar um lugar coberto. Já estava ensopada até a alma e minha casa estava a poucos minutos de distância. Então corri com o cabelo grudado no rosto, o vestido de verão colado no corpo, até subir cambaleando os degraus da Rannoch House.

Se eu estava me sentindo triste antes, agora estava no fundo do poço. O que mais podia dar errado? Eu tinha ido para Londres cheia de esperança e empolgação, e nada parecia estar dando certo. Então eu me vi no espelho do corredor e me encolhi, horrorizada.

– Olhe só para você! – falei em voz alta. – Está parecendo um pinto molhado. Se a rainha te visse agora...

Aí comecei a rir. E ri o caminho todo até o banheiro, onde tomei um demorado banho de banheira. Quando me sequei, já estava me sentindo quase bem outra vez. Eu não ia passar outra noite triste e sozinha na Rannoch House tendo apenas o rádio como companhia. Alguém além de mim devia estar em Londres. E é claro que pensei em Belinda na mesma hora. Ela era uma dessas pessoas que nunca ficam em um lugar por muito tempo. Tinha sido vista pela última vez fugindo para uma vila na Itália, mas havia uma chance de já ter se cansado dos italianos e voltado para casa.

Procurei meu vestido de verão menos amarrotado (já fazia algum tempo que eu não dispunha de uma criada para passar minhas roupas, e não tinha a menor ideia de como fazer isso sozinha), escondi os cabelos molhados sob um discreto chapéu clochê e fui para o chalé de Belinda em Knightsbridge. Ao contrário de mim, Belinda recebera uma herança quando fez 21 anos. Isso permitiu que ela comprasse um chalezinho e tivesse uma criada. Além disso, o custo de vida dela era praticamente nulo, dado o tempo que passava na casa (sem falar na cama) dos outros.

A tempestade passara, deixando o ar do fim de tarde um pouco mais fresco, mas ainda abafado. Abri caminho entre poças e evitei os táxis que espirravam água na rua. Eu estava na entrada do chalé quando ouvi um ronco de motor atrás de mim. Percebi uma forma escura e lustrosa vindo na minha direção e só tive tempo de me jogar para o lado quando uma motocicleta quase me atropelou. Ela passou por uma enorme poça, lançando um monte de água lamacenta em mim.

– Que isso? – tentei gritar por cima do barulho enquanto a motocicleta seguia para o chalé sem reduzir a velocidade.

Fui atrás dela, fervendo de raiva, sem parar para pensar se os motociclistas poderiam ser ladrões de banco ou bandidos fugindo da polícia. A motocicleta derrapou até parar mais perto do chalé, então dois homens vestidos com jaquetas e capacetes de couro e óculos de proteção começaram a desmontar.

– Que porcaria vocês têm na cabeça? – perguntei quando me aproximei deles, com a raiva ainda me cegando para o fato de que eu estava sozinha em uma ruela com dois sujeitos visivelmente antissociais. – Vejam só o que fizeram. Estou encharcada!

– É, parece que você se molhou um pouco – disse o primeiro motociclista e, para me irritar mais ainda, começou a rir.

– Não tem graça nenhuma! – vociferei. – Você destruiu um vestido ótimo, e o meu chapéu...

A pessoa que estava na garupa desceu e estava tirando o capacete.

– Não tem graça mesmo, Paolo.

A voz era de uma mulher. Ela tirou o capacete e os óculos de proteção com um floreio, sacudindo os cabelos escuros e curtos.

– Belinda! – exclamei.

Dois



Chalé de Belinda Warburton-Stoke
Knightsbridge, Londres
12 de agosto de 1932

BELINDA ARREGALOU OS OLHOS AO ME RECONHECER.

– Georgie! Ai, meu Deus, coitadinha. Olhe só para você. Paolo, você quase afogou a minha melhor amiga.

O motociclista já tinha tirado o capacete e se revelou um homem lindo, do tipo latino, com olhos escuros brilhantes e cabelos pretos exuberantes.

– Me desculpe – disse ele. – Não vi você. Por causa das sombras, entendeu? E estávamos indo bem rápido. – Ele falava com um evidente sotaque, e também com certo polimento da rígida educação inglesa.

– Paolo adora tudo o que é rápido – comentou Belinda, olhando para ele com adoração.

Passou pela minha mente a ideia de que ela devia se encaixar nesse critério. Ligeira e livre, essa era Belinda.

– Acabamos de chegar de Brooklands – continuou ela. – Paolo está treinando para uma corrida. E ele também sabe pilotar aviões. Prometeu me levar para voar um dia desses.

– Você precisa me apresentar, Belinda – disse Paolo –, depois convidar sua amiga para entrar, oferecer uma bebida para acalmar os ânimos e dar uma limpadinha nela.

– Claro, querido – respondeu Belinda. – Georgie, este é Paolo.

O homem virou aqueles incríveis olhos escuros para mim.

– Georgie? Esse nome é masculino, não?

– É apelido de Georgiana – expliquei.

– Ah, verdade, acho que é melhor eu fazer uma apresentação formal – disse Belinda. – Este é o conde Paolo di Marola e Martini. Paolo, esta é minha querida amiga lady Georgiana de Glen Garry e Rannoch.

Paolo voltou outra vez aquele olhar devastador para mim.

– Você é irmã do Binky? – perguntou ele.

– Sou. Como você conhece o Binky?

– Estudamos juntos por um ano. Foi um ano terrível – respondeu Paolo. – Meu pai queria me transformar em um cavalheiro inglês civilizado. Não consegui. Eu odiei. Todos aqueles banhos frios e jogos de rúgbi violentos. Por sorte eles me expulsaram por beliscar o traseiro das criadas.

– É. Isso é a sua cara – disse Belinda. Ela abriu a porta da frente e nos conduziu para dentro. – Florrie – chamou ela –, eu preciso que você prepare um banho agora mesmo. – Ela se virou para mim. – Eu te convidaria para sentar, só que estragaria meu sofá. Mas pode beber alguma coisa. Paolo, prepare uma bebida bem forte para ela.

– Infelizmente, eu tenho que ir, *cara mia* – retrucou Paolo. – Vou deixar vocês duas fofocarem. Mas hoje à noite vamos dançar, *si*? Também posso levar você ao Crockford's para jogar um pouco e depois a uma boate, se quiser.

– Eu adoraria – falou Belinda –, mas infelizmente estarei ocupada hoje à noite.

– Ah, não – rebateu Paolo. – Telefone para quem quer que seja e diga que seu primo que você não vê há muito tempo acabou de chegar à cidade, que sua irmã teve bebê ou que você está com catapora.

– Admito que fico muito tentada a fazer isso – disse Belinda. – Mas não posso voltar atrás agora. Não quero deixar ninguém arrasado.

– É outro homem? – indagou Paolo, com os olhos brilhando.

– Não crie minhocas na sua cabeça – disse Belinda.

– Minhocas? Que minhocas?

Belinda deu uma risadinha.

– É uma expressão, querido. Significa que você não deve se preocupar.

– Essas expressões são muito bobas – desdenhou Paolo. – Por que eu não deveria me preocupar, se você marcou um encontro com outro homem?

– Não seja bobo. É claro que eu não marquei um encontro com outro homem. Tenho que fazer um favor ao meu irmão e distrair um velho americano que quer comprar um dos cavalos de corrida dele.

– E você não pode cancelar para ficar comigo? – Paolo se aproximou galantemente e passou a ponta dos dedos na bochecha dela.

Percebi que Belinda estava amolecendo.

– Não, eu não posso decepcionar o meu irmão.

– Vou ficar arrasado – lamentou Paolo. – Em sofrimento absoluto. Assim vou achar que você não me ama de verdade.

Por que os homens nunca dizem coisas assim para mim?, pensei.

– Olha, acabei de ter uma ideia brilhante! – Belinda se virou para mim.
– Georgie pode ir no meu lugar, não é, querida?

– Ah, sim – falei com amargura. – Com certeza estou vestida da forma ideal para distrair um americano.

– É só às oito e meia, querida – acrescentou Belinda –, e você pode tomar um banho aqui e usar o que quiser do meu guarda-roupa. Minha criada vai ajudá-la a se vestir, não vai, Florrie? – Ela se virou para a criada, que estava parada ao pé da escada.

Ninguém esperou a moça responder.

– Esplêndido! – disse Paolo, batendo palmas. – Então *arrivederci*, senhoritas, e venho buscá-la às nove, *cara mia*.

– Não venha de motocicleta, Paolo – pediu Belinda. – Eu me recuso a ficar empoleirada em uma garupa com o meu traje de festa.

– Empoeirada? Você acha que minha moto vai sujar sua roupa?

– Empoleirada, querido. Outra palavra para sentar.

– Essa língua é boba demais – disse Paolo. Ele fez uma reverência para mim. – *Arrivederci*. Até a próxima, lady Georgiana. – E foi embora.

– Belinda – falei quando ela se virou para mim com um sorriso enorme.
– Você é muito descarada. Como é que eu vou conseguir distrair esse americano? Eu não sei quase nada sobre cavalos de corrida, e ele está esperando encontrar alguém como você.

– Não seja boba, querida. – Belinda colocou uma mão reconfortante no meu braço e me guiou em direção à escada. – Na verdade, ele não veio

comprar cavalos de corrida. O homem trabalha com petróleo ou alguma coisa assim. Eu o conheci no Crockford's ontem à noite e concordei em me encontrar com ele porque o pobrezinho está na cidade a trabalho e odeia jantar sem companhia. Mas é claro que eu não podia dizer isso ao Paolo. Ele é muito ciumento.

– Então sua ideia é que eu vá no seu lugar encontrar um americano desconhecido que vai ficar decepcionado por eu não ser você e que deve estar esperando mais do que um jantar.

– Ora, que absurdo! – Tínhamos chegado ao banheiro, de onde saía vapor. – Ele é do Meio-Oeste, e o único risco que você corre é de morrer de tédio. Ele vai ficar muito impressionado quando descobrir que está jantando com a prima do rei. E você vai ter um jantar agradável com bons vinhos. Estou fazendo um favor a você, na verdade.

Eu ri.

– Belinda, quando foi que você fez um favor a alguém? Você é uma das maiores manipuladoras do mundo.

– Você deve estar certa. – Suspirou. – Mas pode fazer isso por mim? – Ela quase me arrastou no fim da escada.

Eu suspirei.

– Acho que sim. O que eu tenho a perder?

– Não sei. O que você tem a perder? – Ela me lançou um olhar inquisidor. Fiquei ruborizada. – Não me diga que ainda não teve essa experiência! Georgiana, não acredito. Na última vez que vi você e Darcy, os dois pareciam tão íntimos!

– Na última vez que o vi eu também achei que estávamos íntimos – falei, sentindo uma nuvem de tristeza se aproximando. – Mas, como você deve lembrar, ele estava no hospital na época. Fraco e se recuperando do tiro. Depois que teve alta, foi para a Irlanda, para se restabelecer em casa, e essa foi a última vez que o vi. Não recebi sequer um cartão-postal.

– Acho que ele não é do tipo que escreve cartões-postais – disse Belinda. – Não se preocupe, ele vai aparecer de novo, como um filho pródigo. Darcy é tão oportunista quanto eu. Deve estar hospedado em algum iate na Riviera Francesa.

Eu mordi o lábio, um mau hábito que minha governanta, a Srta. MacAlister, tinha tentado tirar, mas nunca conseguiu.

– O problema é que eu vou para a Escócia em breve. Isso significa que vou passar o verão inteiro sem vê-lo.

– Você devia ter ido para a cama com ele quando teve a chance – repreendeu Belinda. – Homens como Darcy não ficam esperando para sempre.

– Eu sei. O problema foi a minha criação. Todos aqueles ancestrais fazendo a coisa certa. Fiquei pensando em Robert Bruce Rannoch, que se manteve firme na batalha de Culloden e lutou sozinho até ser esquartejado.

– Eu não consigo entender o que isso tem a ver com a entrega da sua virgindade, querida.

– É o dever, acho. Um Rannoch nunca foge do dever.

– E você acha que é seu dever ficar virgem até se casar ou morrer?

– Na verdade, não. Parece uma bobagem quando você coloca dessa forma. É que fico imaginando minha mãe pulando de uma cama para outra durante toda a vida, e eu não queria ser assim.

– Mas pense no quanto ela se divertiu. E em todas aquelas roupas adoráveis que adquiriu pelo caminho.

– Eu não sou como ela. Devo ter puxado a minha bisavó, a rainha Vitória. Quero encontrar um homem para amar e me casar. E não me importo nem um pouco com roupas.

– Dá para ver. – Belinda me analisou de um jeito crítico. Depois se virou para a criada, que estava pacientemente parada com os braços cheios de toalhas. – Ajude lady Georgiana a tirar essas roupas molhadas e sujas, Florrie. E depois leve tudo para lavar e traga um roupão para ela.

Eu me permiti ser despida e me acomodei na banheira enquanto Belinda se empoleirava na borda.

– O que você achou do Paolo? – perguntou ela. – Ele não é divino?

– Totalmente divino. Vocês se conheceram na Itália?

– Ele se hospedou na mesma *villa* que eu. – Ela fez uma pausa dramática. – Com a noiva.

– Com a noiva? Belinda, como você pôde?

– Não se preocupe, querida. Lá não é como aqui. Eles são católicos, sabia? Ele está noivo dessa garota há pelo menos dez anos. Ela é muito correta e passa metade do tempo ajoelhada, rezando o terço, mas isso deixa os familiares dele felizes, sabendo que Paolo vai acabar se casando com alguém como eles. Enquanto isso... – Belinda me deu um sorriso malicioso.

Eu me senti meio estranha, deitada em uma banheira de água quente enquanto Belinda ficava sentada na borda, mas ela parecia achar isso muito normal.

– Como nos velhos tempos, não é, querida? – comentou ela. – Lembra das conversas que tínhamos no banheiro da escola?

Dei um sorriso.

– Lembro. Era o único lugar em que ninguém nos ouvia.

– E o que você tem feito? – perguntou ela. – Como está indo seu negócio de faxina?

– Não é um negócio de faxina, Belinda. É uma agência de serviços domésticos. Eu preparo a casa das pessoas para a chegada delas. Não esfrego o chão nem nada do tipo.

– E seus parentes do palácio ainda não descobriram?

– Não, graças a Deus. Mas, em resposta à sua primeira pergunta, não está indo bem. Faz semanas que ninguém me contrata.

– Ah, mas não teria como ser diferente. – Belinda esticou as pernas compridas. – Ninguém vem para Londres no verão. Qualquer um que possa fugir daqui faz isso.

Assenti.

– A impressão que tenho é que sou a única pessoa que ainda está na cidade. Até meu avô foi fazer uma excursão em Clacton.

– E como você está se virando?

– Não muito bem – respondi. – Estou à base de chá e torradas. Vou ter que tomar alguma atitude em breve, senão precisarei entrar nas filas dos refeitórios populares.

– Não seja boba, querida. Você poderia ser convidada para várias casas de campo, se quisesse. Deve ser a solteirona mais cobiçada do país, sabia?

– Eu não sou sociável como você, Belinda. E não saberia como me convidar para a casa de alguém.

– Eu cuido da parte do convite, se você quiser.

Sorri.

– A questão é que eu simplesmente não gosto de viver às custas das pessoas.

– Bem, você sempre pode voltar para o Castelo de Rannoch.

– Já pensei nisso, o que mostra o meu nível de desespero. Mas se é para escolher entre conviver com Fig e passar fome, acho que a segunda opção vence.

Ela me olhou preocupada.

– Minha pobre e doce Georgie: sem trabalho, sem amigos e sem sexo. Não me admira que você esteja meio tristonha. Precisamos animá-la. Você vai fazer uma bela refeição hoje à noite, claro, e amanhã pode ir comigo para Croydon.

– Croydon? Isso deveria me animar?

– O aeródromo, querida. Vou ver o novo avião do Paolo. Ele pode até nos levar para voar.

Depois de constatar a imprudência de Paolo na motocicleta, eu não estava com muita vontade de voar no avião dele, mas consegui sorrir.

– Excelente – respondi.

Pelo menos seria melhor do que ficar em casa.

CONHEÇA OS LIVROS DE RHYS BOWEN

A ESPIÃ DA REALEZA

A espiã da realeza

O caso da princesa da Baviera

A caçada real

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

